

# Quilombos brigam pelo direito de existir

ANGELINA NUNES

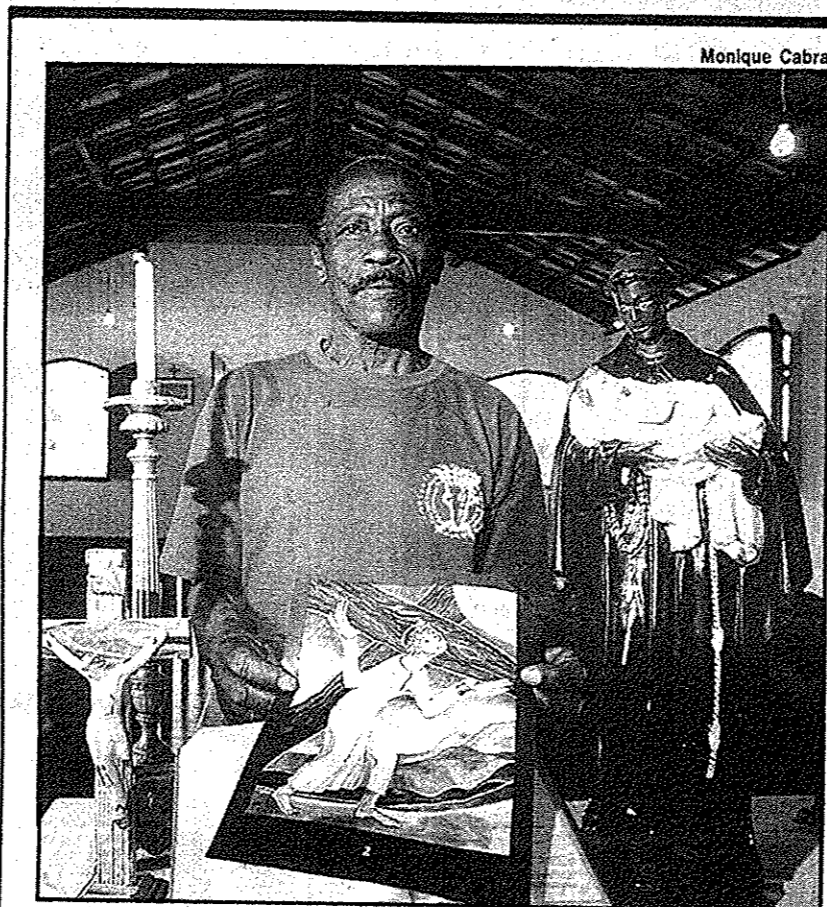
Os quilombos do século XX se transformaram em caso de Justiça. Os descendentes de escravos brigam pelo direito à posse da terra em que vivem. Oficialmente, já foram registradas cerca de 360 comunidades negras em todo o país, segundo a Fundação Palmares. Mas o etnólogo Guilherme dos Santos Barboza, que estuda o assunto há mais de 40 anos, discorda desse número e acredita que existam mais de mil comunidades. Quase 300 anos após a morte de Zumbi, o líder do movimento negro do Quilombo dos Palmares, essas comunidades resistem e brigam pelos seus direitos.

No Rio, há dois núcleos rurais: um numa fazenda no distrito de Santa Isabel, município de Valença, Sul do Estado, onde moram 60 famílias. O outro é conhecido como Quilombo do Campinho e fica num terreno perto de Paraty, a 255 km do Rio, onde há uma igreja católica e uma escola. Alguns habitantes têm emprego em Paraty-Mirim, mas a maioria trabalha na roça e mora em casa de pau-a-pique (trançado de bambu com barro socado).

No país, os quilombos mais conhecidos são o de Rio das Rãs, na Bahia; o de Calungas, em Goiás; o de Oriximiná, no Pará; o de Guariterê, em Mato Grosso; o de Mucambo, em Sergipe; e o de Cafundó, em São Paulo. Nesses locais há conflitos de terras com fazendeiros da região e ameaças de construção de hidrelétricas nas terras ocupadas pelas comunidades negras.

Hoje haverá festas nessas comunidades, em homenagem a Zumbi. Um dos palcos dessa festa será a comunidade de Ivaporunduva, a 50 km de El Dorado, cidade paulista do Vale da Ribeira. Ali, cerca de 120 representantes de vários quilombos irão discutir a posse da terra, com base no artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição, que estabelece a titularidade da terra aos remanescentes de quilombos.

No Vale da Ribeira, há indícios de que 15 comunidades negras da região são de remanescentes de quilombos. Durante um ano e oito meses, a congregação das Irmãs de Jesus Bom Pastor elaborou um dossiê sobre três dessas comunidades, que será anexado ao processo para reconhecimento desses núcleos como quilombos.



Monique Cabral

Valentim Conceição na Igreja católica do Quilombo do Campinho

## Devoção e fé na Justiça

*Líder negro une religião e política comunitária*

Oito filhos, 28 netos e bisnetos e muitos primos e tias. A família de Valentim Conceição é grande, como são as demais famílias do Quilombo do Campinho. Não raro, as mães têm meia dúzia de filhos. Ana Cláudia, de 17 anos, neta de Valentim, se casou aos 13 e já tem duas filhas: Aline, de 4 anos, e Linda Inês, de seis meses — o nome de batismo é uma influência direta da protagonista da novela "Fera ferida". A avó, Magdalena, se casou aos 15 anos. Valentim se diz um homem feliz.

Representante do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Paraty, ele confessa que a pedada dos rapazes concorre com suas aulas de catecismo aos domingos. A igreja foi er-

guida por sua família e, depois de uma reunião informal entre os moradores, ele foi eleito o catequista. A missa com o padre de Paraty acontece uma vez por mês. Mas ele e sua mulher programam procissão, novenas e terços.

— Temos que refletir sobre Jesus. Quando se vive em comunidade, se vive mais forte, com união — garante.

Sua companheira, Magdalena, lembra que, em uma das procissões, a imagem de São Benedito caiu do andor e ficou em pedaços — apenas a cabeça ficou intacta. Com paciência e devoção, ela colou e refez a imagem, pintando-a.

O casal conta ainda que existem várias ações na Justiça para requerer a posse da terra, alegando o uso capião. Agora, eles vão requerer também o reconhecimento do lugar como quilombo. Eles têm muita fé. Mas falta dinheiro para os advogados.

fonte: O GLOBO class.: 15

data: 20/11/94 pg.: 36 (CONT.)

## Zumbi comandou luta em Palmares

Angola Janga (pequena região de Angola), como preferiam os quilombolas, ou República de Palmares, como denominavam os portugueses, foi fundada em 1604 por 40 negros foragidos e reunia diversos quilombos. Em quase cem anos, Palmares sofreu ataques de holandeses e portugueses. Segundo documentos da época, Ganga Zumba, penúltimo rei dos quilombos, tentou firmar um tratado de paz com os portugueses, que se comprometiam a cessar as hostilidades em troca do fim do rapto de escravos pelos quilombolas. Zumbi, sobrinho de Ganga Zumba, era contrário ao acordo. Ele matou o tio e assumiu o trono, até ser morto dia 20 de novembro de 1695. A resistência de Zumbi é lembrada pelas comunidades negras que elegeram esse data como Dia Nacional da Consciência Negra.

Recompor a história que se seguiu à morte de Zumbi tem sido uma tarefa árdua. Para Marcelo Gentil, diretor de estudos, projetos e pesquisa da Fundação Palmares, é necessário que se faça um projeto de lei para regulamentar o Artigo 68 da Constituição, o que vai acelerar os processos já em andamento.



As irmãs Maria Adelaide (à esquerda), Maria Joana e Benedita: 'causos antigos'

## Moradores se adaptam aos poucos

Sem pressa, os moradores do Quilombo do Campinho se adaptam à vida moderna com direito à televisão e antenas parabólicas, mas sem esquecer das histórias de avós e bisavós que trabalharam em fazendas como escravos. A voz pausada é uma característica comum. A risada também.

Nessa comunidade de 200 famílias, a maioria tem relações de parentesco. Nos fins de semana, os moradores se reúnem em torno do campo de futebol ou

nas rodas de samba. Há os que moem mandioca na casa de farinha e os que trançam palhas para fazer os cestos de tipiti, uma arte ensinada por Magdalena Alves da Silva Conceição de 64 anos, que chegou à região na infância e casou com Valentim, de 69 anos, o líder da comunidade.

A história do Quilombo do Campinho se confunde com a história da família das irmãs Maria Adelaide Martins, de 70 anos, Maria Joana do Nascimento, de 74, e Benedita Santos, de 79, tias de Valentim. Nascidas no lugar, elas ouviam os "causos" contados pela tia Maria Joaquina, a Zaquinha, que no século passado trabalhava na fazenda Independência e carregava com facilidade um tacho de cobre com água na cabeça, subindo pelas margens do rio. Dos tempos da escravidão ela contava com alegria o dia em que soube que a Princesa Isabel libertou os escravos. A partir desse dia, ela e outros ex-escravos da fazenda se fixaram num terreno próximo.

Escravos fugidos ou libertos puderam construir suas casas em volta de uma clareira, onde hoje está a Igreja de São Benedito e Bom Jesus.